SÉRIE 3.ª

N.º 19

6.º ANNO

VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

Julho 1900

XIX

P. Marques Freitas

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO : — *Celeuma e despeito, por causa do jubileu ; uma* pelingrinação : *convite grotesco ; reparo innocente. — Ejaculações de bilis jacobinacea ; correspondente de nova especie... — A maçonaria na guerra anglo-boer; oppressores em nome da liberdade. — Em Hispanha ; Morayta., a maçonaria e os escudos do S. Coração de Jesus; cumplicidade da auctoridade. — Uma professora leiga ; instrucção ; uma parelha de leigos. — Como o catholicismo é superior ao protestantismo.*

Nos arraiaes do livre-pensadeirismo vae um medonho chinfrim, um banzé de todos os demonios. Motivo : a extraordinaria imponencia e brilhantismo que têem revestido as solemnidades do anno jubilar.

Julgavam elles — os homens *triangulados* — que tudo viria a dar em «agua de bacalhau», e já se preparavam para patear... a quatro pés o espectaculo grotesco e ridiculo que os catholicos iam dar á face do mundo civilisado. «Pois, diziam elles, quem é que, n'estes tempos de civilisação e progresso, nas barbas do seculo XIX, o seculo das luzes, o seculo do vapor e da electricidade, quem é que, hoje em dia, terá ainda a pachorra sensaborona de tomar o bordão de peregrino, com a indispensavel cabacinha, e envergar o habito concheado de romeiro, para acudir á voz d'um velho que convida os homens a irem a Roma para terem a honra de lhe beijarem o pé?... Nada, que já vão longe os tempos do obscurantismo fanatico. Isto vae dar em fiasco, pela certa...»

Como se enganaram, os pobres dementados! Os fieis correm a Roma a milhares, e a muitos milhares. E lá vão, de todas as idades e sexos, de todos os paizes e climas, de todas as classes e condições sociaes.

E vão, não como simples *touristes*, que fazem despreoccupadamente a sua *tournée*, para desfastio ou para matar agradavelmente o seu tempo: vão com a fé e piedade de verdadeiros crentes, que têem consciencia de que praticam um acto muito sério, e do maior alcance religioso e moral.

D'onde se conclue que d'esta feita lhes estalou a elles, aos livres pensantes, a castanha na bocca e que ha de ser enorme a *beiça* e o despeito.

Mas elles não vão á parede por tão pouco, nem se dão por vencidos assim tão facilmente. Juraram vingar se,... e hão de vingar-se... E sabem os leitores do que elles se lembraram para tirar a desforra?.. E não fôsse o démo o macaqueador das obras de Deus...

Deu-lhes na touta o promoverem uma peregrinação maçonica a Roma para o dia 20 de setembro!...

Pontificará, n'essa festa solemne — anniversario da tomada de Roma — o paparrotão Ernesto Nathan, gr.·. M.·. da maçonaria italiana. E o homem tenciona botar grande figura n'esse dia... Para isso vae já fazendo os seus convites; e, como estas coisas de maçonaria e livre-pensadeirismo se resumem, as mais das vezes, em meras questões de barriga, não é de maravilhar que elle vá approveitando, para convocar as suas hostes, os momentos de inspiração e enthusiasmo provocados pelos vapores espirituosos do summo da vide..

N'um banquete que ha pouco lhe offereceram os Ir.·. de Syracusa, exorou elle, em estylo grandiloquo, as multidões dos homens livres a tomarem parte na grande peregrinação ás *quatro basilicas de Roma* (sic) que vêm a ser : o Pantheon, o Janiculo, a Porta Pia e o Capitolio, — «basilicas, acrescentou elle, em verdade muito mais magestosas do que ess'outras que uma multidão de pessoas, vindas não se sabe d'onde, visitam á conta do perdão de seus peccados».

E lá para o mez de setembro, quando tem passado a canicula e já os calores não apertam muito, lá irão os devotos romeiros, a caminho da Roma *intangibile*, onde, sem duvida, os admittirá ao *beijapé* o seu papá, o *grão Nathan*... E então conhecerá o Humberto que tambem elle é gente, e que a thiara do Papa é nada, comparada com os monumentaes piassabas dos seus bigodes — d'elle Humberto...

Um reparo innocente : os maçons julgam-se no direito de fazer a sua *pelingrinação* para chasquear e ridicularisar das peregrinações dos catholicos ; e estes não têem direito de fazer as suas procissões e peregrinações, que não têem intuitos offensivos ou por qualquer modo aggressivos (como, aliás, têem as manifestações maçonicas) e são simplesmente manifestações ordeiras, respeitadoras e serias, das suas crenças...

Liberdade, tolerancia e coherencia... até ali.

*

Mas os leitores ainda recordam sem duvida as eructações de bilis jacobinacea que os arrieiros da imprensa maçonica ejacularam nos seus papeis, a proposito da peregrinação portugueza. O que elles então escreveram póde servir-nos de nórma para bem ajuizarmos do valor de seus ideaes de liberdade, igualdade e fraternidade.

Ahi vae um precioso specimen. E' da *Lucta :*

«Como se sabe, uns dos numeros do espectaculo offerecido em Roma aos *pelingrinos* pela companhia de zarzuela Vaticano & C.ª era a canonisação de dois bem aventurados.

«Cumpriu-se hontem este numero, de que dão conta os telegrammos que inserimos adiante. O ultimo é do nosso correspondente especial.

«*Roma*, 24 de maio, n. O espectaculo correu na melhor ordem. O segundo acto, leitura do decreto da canonisação, foi bisado. Houve grandes ovações aos interpretes. Affirma-se que a peça se conservará muito tempo no cartaz. C.»

Este «C.» que firma o telegramma — já o adivinharam — quer dizer sem duvida : *cabaço, cabeçudo, camello,* ou coisa parecida ; ou talvez, — e é o mais certo — as tres coisas juntas ; porque nada implica que *aquella coisa* sem nome seja um animalejo qualquer, de cabeça grande mas vazia...

Ora assim é que é dar-lhe, seu chrispim. Então correu na melhor ordem o espectaculo, não é verdade? Bem se vê que não entrou lá mãosinha de nenhum *cidadão livre ;* que se entrasse, com certeza que não reinaria lá a *ordem*...

Ora... pobres padeiros, que trabalham de noite para dar pãosinho a um quadrupedante d'esta força, que só com verde e palhada parece dar-se bem...

*

A guerra de exterminio que a Inglaterra move contra os heroicos e destemidos boers, é no conceito de todas as pessoas de bem, uma injustiça flagrante, um attentado contra o direito das gentes, uma iniquidade sem nome que só no seculo das luzes podia perpetrar-se. Pois por ser isto a malfadada guerra, impossivel seria que a maçonaria não tivesse lá mettido o seu bedelho, e que entre os oppressores não houvesse tambem algum mação altamente graduado.

E ha.

Lord Kitchener, chefe do estado maior inglez e Roberts, generalissimo das tropas britannicas, são dois mações de alto coturno. Tanto que o primeiro (e o outro não, por estar impedido) assistiu ha pou-

6.º ANNO — N.º 19 | 3.ª SERIE | JULHO — 1900

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

O repoiso dominical. — Infelizes !...
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: Uma excellente devoção em favor das almas do Purgatorio. — As indulgencias da Terra Santa. — Acção franciscana. — Santo Protector para o mez de agosto.—Virtude a imitar. — Absolvição geral.—Indulgencias a lucrar.
II Parte—SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco—Pensamentos—Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: O leilão das cruzes.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: O medico dos meninos. — Novos membros da Pia União.—Braga.— Covilhã. — Portalegre. — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio.—Recommendações especiaes.— Os nossos defuntos—Estrangeiro.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Synodo nacional. — O rei e o sapateiro *(poesia)*. — Bibliographia. — Revistas & Jornaes. — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: S. Francisco toma em seus braços a S. Boaventura, ainda menino, e o cura.—S. Antonio resuscita uma mulher que morrêra afogada.—Capella de Santa Catharina (Velha Gôa, India Portugueza. — O arrependimento de Godofredo de Builhão.

O REPOISO DOMINICAL

Voltando outra vez ao assumpto, consintam que, antes de mais nada, eu frise um facto, bem triste na verdade, e, a meu vêr, inexplicavel. O coração portuguez foi sempre inexgotavel de carinho, de meiguice, de ternura para todas as miserias e dôres dos que soffrem. Em paiz nenhum, porventura, serão tão relativamente numerosas como entre nós as instituições de caridade e beneficencia; a desvalida orfandade tem gasalhado e pão, maternaes sorrisos e carinhos á velhice combalida e decrepita proporcionam-se dôces conchegos em hospicios e asylos apropriados; todas as enfermidades e dôres acham sempre quem lhes prodigalise desvélos e cuidados, lenitivos e confortos que lhes adocem a atrocidade cruciante; até ás infelizes que um dia se despenharam no tremedal da abjecção e da infamia, se estende mão bemfazeja que lhes proporciona a rehabilitação em casas de regeneração e refugio.

E' este um facto bem consolador, e que deve encher-nos de legitimo orgulho: todas as miserias, todas as dôres, todas as desgraças téem o condão magico de commover o nosso coração, e todas acham quem acuda pressuroso a seu encontro a mitigal-as e allivial-as.

A par d'isto, porém, — e aqui está o contraste, — ha desgraçados que moirejam dia e noite por um triste pedaço de pão, vergando sempre ao peso rude do trabalho e sem nunca te-

rem assegurada a subsistencia de ámanhã, aos quaes não é concedido na roda do anno um dia de repoiso tranquillo — não ha pleonasmo — que lhes permitta vão gozar em paz os carinhos e dôces enlevos da vida domestica, informar-se de perto das necessidades da familia, consagrar breves momentos á educação de seus filhos, cumprir, emfim, os seus deveres religiosos! Sabe, leitor amigo, que ha d'estes infelizes, e que não é tão pouco avultado o seu numero, que possa passar por phenomenal ou esporadico o apparecimento de algum. Sabe que ha operarios, que, se quizerem assistir a uma festa de familia, — a um baptisado ou á primeira communhão d'um filho, por exemplo, — terão que pagar a outro operario que os substitua no trabalho!

E os homens que dirigem as sociedades, e os despotas que assim exploram as forças, a saude e a vida do trabalhador, não se pejam de dizer-se liberaes, pessoas de bem, christãos e catholicos!...

Ironia pungente!

Mas esta necessidade do repoiso aggrava-se na proporção das difficuldades especiaes em que deve realisar-se o trabalho, quer pelas forças que demanda, quer pelas condições particularmente penosas em que haja de effeituar-se. Examinemos alguns d'estes casos.

O dr. Hœgler, n'uma sabia conferencia (1) a que já tive occasião de me referir, diz textualmente:

«E' um facto averiguado, que os casos de morte são particularmente numerosos entre os operarios obrigados a respirar durante o seu trabalho vapores ou poeiras perigosas. A autopsia tem posto em evidencia a acção mortifera das differentes especies de poeira respirada nas officinas, nas fabricas, canteiras, moinhos, e ás vezes mesmo nas casas de habitação. Arrastados pela respiração, os atomos do pó vão penetrando, mais ou menos profundamente, nos pulmões, irritam as mucosas e produzem uma inflammação catarrhal. Se o pó não penetrou em grande abundancia, é expellido facilmente na secração produzida pelo catarrho artificial, que provocou; e assim, na maior parte dos casos, bastaria o afastar-se temporariamente dos logares impregnados d'essa poeira nociva para evitar o desenvolvimento do mal no tecido pulmonar; e aqui resalta de novo a importancia d'um dia de repoiso, entre sete, que offereça regularmente aos operarios occasião de sairem do ambiente em que vivem. Mas, se estas materias se inocularam profundamente no organismo, e se, dia após dia, continuam a introduzir-se n'elle sem que seja possivel o expulsál-as, o catarrho torna-se chronico e degenera em asthma, em emphysema, escarros de sangue, peripneumonia ou tisica pulmonar.

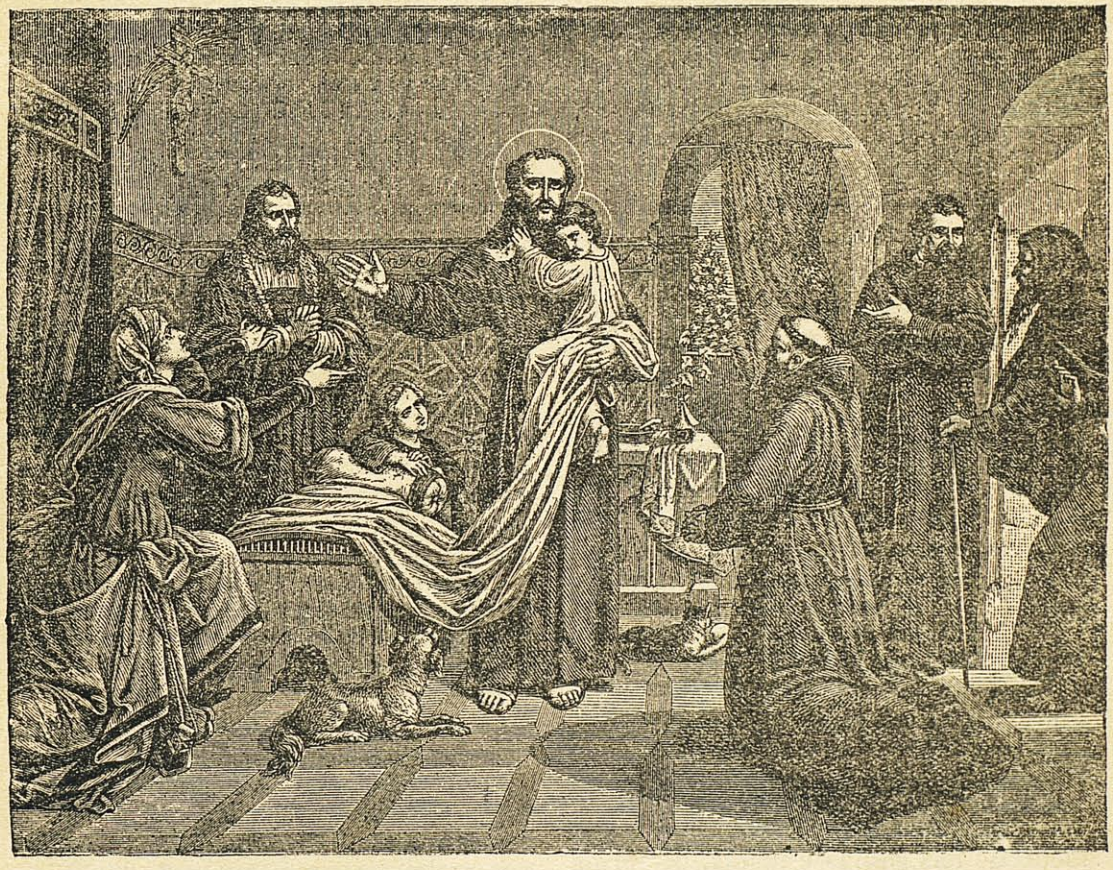
«Entre os operarios particularmente expostos a estas doenças, cumpre citar aquelles que, reunidos em grande numero em salas muitas vezes pouco arejadas, trabalham em seda, algodão ou lã, bem como os canteiros, e os lithographos, os marceneiros e torneiros, os moleiros, os serralheiros, operarios cigarreiros, etc. etc. A estatistica é eloquente a este respeito. Emquanto entre os ecclesiasticos a média da vida é de 63 annos, de 60 annos entre os juristas, de 57

(1) *Le Dimanche au point de vue social et hygiénique.* Veja-se, a proposito, um interessante estudo de Mgr. Turinaz publicado no *Correspondant* (10 de janeiro de 1900). A elle fômos buscar algumas idéas que aqui expômos.

entre os marinheiros, vêmos que é muito mais reduzida entre os operarios expostos a respirarem differentes especies de poeira. Os padeiros só vivem, em média, 48 annos, os marceneiros 46, os litographos 40, os canteiros 36 annos.»

São particularmente perigosos, sob este ponto de vista, os mistéres em que é forçoso lidar com cal. Um dia um inglez que visitava a cidade de Paris, deu com um grupo de pedreiros a trabalhar despreoccupadamente ao domingo. Depois de haver-lhes manifestado a natural surpreza que o facto lhe casou, disse para o grupo: «Mas como é isto? Pois não ha entre vós um só homem de idade provecta, como ha tantos em Inglaterra entre operarios que téem a vossa profissão?! — Oh! redarguiram os trabalhadores, *entre nós, aos quarenta annos, está um homem inutilisado, já não presta para coisa alguma.*»

Se isto não é ser eloquente, já não sabemos que coisa possa ter eloquencia.



S. Francisco toma em seus braços a S. Boaventura, ainda menino, e o cura

Ha entre nós 20:000 desgraçados, victimas do terrivel flagello da tuberculose; n'este numero está representada, com bem significativo contingente, a classe operaria. Seria difficil provar que a maior parte d'esses infelizes são victimas da transgressão do domingo? Obrigados a um trabalho nunca interrompido, encerrados de continuo

em officinas a que falecem absolutamente todas as condições hygienicas e respirando ali um ambiente mephitico, sem ar nem luz, levados depois a lamentaveis excessos alcoolicos para reanimarem um pouco as forças do organismo depauperado, péssimamente alimentados e sem dispensarem a menor attenção ao acceio e á hygiene, é obvio que não poderão resistir á invasão do flagello; antes, ao contrario, se acharão na mais facil predisposição para coadjuvar a sua acção devastadora.

E o peór é que estas funestas consequencias vão-se propagando e aggravando sempre de geração em geração. Os filhos d'estes operarios assim exgottados pelo trabalho, sairão mais atrophiados ainda, sem vigor physico e sem energia moral, com predesposição ingenita para todas as doenças e sem elementos de combate para resistir a nenhuma. Resultado... o que estamos vendo: organismos enfezados, creanças rachiticas e escrofulosas, um exercito de tuberculosos e um exercito ainda maior de sêres anemicos, estiolados, miseraveis, entre os quaes hão de continuar a recrutar-se as victimas do flagello terrivel.

Melhorem-se as condições de vida do operario, regule-se o trabalho por meio de leis sabias e justas, de fórma a evitar a transgressão do domingo, conceda-se ao trabalhador o repoiso necessario, promovendo o cumprimento das leis da Igreja, relativas á santificação das festas, haja castigo exemplar para os descaroaveis, para os déspotas que se atrevem a tolher o exercicio da mais santa e inviolavel de todas as liberdades, obrigando o operario a trabalhar aos domingos; e d'esta fórma ter-se-á prestado á sociedade portugueza um serviço bem mais importante do que quantos ha de prestar-lhe a obra — aliás muito para louvar e applaudir, — da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos.*

Infelizes!...

CHEGAMOS á desgraça de vêrmos em lingua portugueza, em terra portugueza e por catholicos portuguezes escrever-se contra Deus, contra o Seu Christo e contra a Igreja o que nenhum pagão, musulmano ou heretico ainda se atreveu a dizer!

Não parece isto o maior castigo que a Providencia nos poderia infligir, como consequencia de tantos actos maus que temos praticado? Todos esses jornaes, todos esses loucos plumitivos saberão o que dizem? Todo esse odio, todo esse rancor que vasam em phrases duras e retumbantes serão conscientes ou ao menos pensadamente reflectidos?

A paixão desnorteia-os, bem se vê; sentimentos tão deshumanos e crueis não podem derivar da intelligencia. Um mysterio recondito da alma os allucina e perturba. Uma desgraça que se lhes figura irremediavel os atormenta e os enche de furor. Quem póde curar taes monstruosidades senão Deus? Quem lhes póde levar o refrigerio, a paz ou a fé perdida senão a luz lá do alto? O' naufragos do amor, quem lhes poderá estancar o furor do odio e a desesperação do remorso senão a piedade divina? Na verdade inspiram-me o maior dó possivel, e quasi lamento que sejam homens para que se tornem os mais desgraçados dos seres. Oh! se um dia a luz do céo lhes illuminasse a mente e tocasse o coração, então conheceriam o abysmo a que os tinha levado a cegueira da paixão ou o desvario do peccado!

Quero suppôr que sois sinceros; que os maus livros vos transtornaram a intelligencia; que sois probos e isentos de vicios. Concedo-vos tudo isto; mas attentae em que nenhum homem de bem blasphemou

contra Deus; não consta que mente alguma sã ou coração não corrompido insultasse a Jesus, que nenhuma culpa tem de serdes o que sois.

Tão inexplicavel é a revolta dos christãos contra o Christo e a Sua obra, como humanamente se torna inexplicavel a vossa attitude sacrilega e blasphema.

Pensem n'isto: entre os brahmanes, persas, bhudistas, e mahometanos ninguem se levantou a insultar Brama, Zoroastro, Bhuda ou Mahomet. Só vós, christãos, apunhalaes o Fundador da vossa religião! Como explicar este phenomeno, unico na historia, contra todas as leis psychologicas? Como é que a graça do baptismo, a educação, a graça actual e sanctificante, todo esse conjuncto, emfim, de pedagogia moral e intellectual vos não detem no caminho da apostasia? Contra todas as leis naturaes, vós odiaes por causa do Christo os proprios auctores dos vossos dias, se elles não téem a desdita de commungar nas vossas idéas anti-religiosas e anti-christãs. O' céos! d'entre vós ha até quem odeie os proprios filhos, como esse pae infeliz que recentemente preferiu condemnar sua propria filha como louca a consentir que ella entrasse para um convento — facto que ainda nenhum bhudista commetteu no Thibet ou na Candia, onde as monjas nunca soffreram opposição. Não é singular tudo isto á fôrça de ser diabolico?

Se se pretende allegar que conhecendo *agora* a verdade odiaes o que tinhaes amado ou apenas crido, ainda assim o vosso odio é humanamente inexplicavel; nenhuma lei do sentimento o justifica. Não ha um unico caso de um persa ou mahometano convertido ao catholicismo infamar Zoroastro ou Mahomet. Lamentam os seus sequazes; peza-lhes ter vivido no erro; procuram converter os seus antigos companheiros pela persuasão caridosa, e nunca pela injuria odienta. Como explicar, pois, o vosso odio e a vossa sangrenta sanha contra Jesus e a Sua Igreja? Oh! insondavel mysterio das almas decahidas do seu pristino fulgôr! Oh! odio impotente, que proclama bem alto a santidade divina de quanto aborreceis! Oh! miseria e trevas que attestaes a riqueza e o divino brilho do que não podeis ou não quereis conhecer! Oh! como o atheu e o anti-christo provam a existencia de Deus e a divindade de Jesus! Pensae no vosso monstruoso phenomeno se quereis ser, já não digo felizes, mas ao menos homens! Não vos atemoriseis com nenhuma idéa. Ninguem tem a incapacidade da fé por mais frio ou sceptico que esteja; ninguem, emquanto vivo, possue a vontade constante e dura de renegar do Bem e da Verdade. O proprio esforço que empregaes em manter as vossas ideias representa a lucta; a propria blasphemia que proferis trahe o vosso desespero. E n'essa lucta quantos sobresaltos! que de horriveis pezadellos!... Deus vos chama. Não temaes. Deus é omnipotente e misericordioso. Não queiraes afogar de todo, pela embriaguez das idêas ou pela loucura do coração, a luz que vos inspira ou o movimento que vos convida. Tende coragem; ajoelhae e dizei: Ave Maria! E' quanto basta. Experimentae. E' um instante, e nada mais. Depois, a paz, o amor, ondas de luz e mil alvoradas! Tentae, amigos. Mais de um se ergueu santo e beijou os pés de Jesus. Não só Saul se fez Paulo. A Igreja é fertil em flôres que de rubras se fizeram brancas como o lirio. A Virgem é a nuvem que tem orvalhado mais de um calix crestado pelo sol das paixões. Hoje, ámanhã, depois... e logo tornar-se-á habito; e direis a *Ave Maria* com indizivel jubilo, doçura e gratidão. Asseguro-vos: experimentae! Se não me acreditaes é porque temeis ou não quereis conhecer a verdade: portanto não sois sinceros. Acreditae ao menos na voz que vos chama; acreditae ainda mais na infelicidade que vos atormenta...

A proposito vou contar um facto que se deu na minha vida.

Era eu seminarista, e fui passar as grandes ferias a Mormugão. Governava a Praça um velho coronel muito amigo da minha familia. Um irmão meu, com quem ia passar as ferias, era ajudante e vivia n'essa época separado da mulher e dos filhos. O coronel tinha sido um dos 3 fundadores da maçonaria em Gôa, e era tido e havido por um velho corrupto. Era no entanto um official distincto e tinha decidida influencia sobre o meu irmão — espirito avido de novidades mas simples e bom. O coronel tinha n'elle um proselyto, dominava-o já pela sua posição, já pela ascendencia intellectual, já pela amizade de familia. Meu querido irmão, cuja amizade por mim não tinha limites, atravessava n'essa época uma phase cruel de espirito. O coronel e um medico conhecido pelas suas idéas avançadas

eram os intimos do meu pobre irmão. Ainda me recordo com pezar e saudade as nossas interminaveis questões sobre religião.

O meu bonissimo irmão andava transtornado com a leitura dos *encyclopedistas*, Quinet, Proudome etc. Julgava-se philosopho o meu chorado irmão, e falava-me com enthusiasmo de Michelet, Martin, V. Hugo, da *religião do futuro* e mil outras invenções, que desvairam as intelligencias menos solidas e os corações pouco vigilantes. Mas voltemos ao caso.

Eu e meu irmão passavamos as noites no palacio do governador e jogavamos ora as *damas*, ora o xadrez com alguma pericia. O velhote, que vivia só, era cheio de anedoctas e dichotes. Eu gostava d'elle porque me falava com amizade do meu pae, que não tive a felicidade de conhecer e com quem elle tratara largos annos na India e em Macau. O velho captivava-me com essas historias, avidamente ouvidas por mim. Como amigo e velho ia-me tambem insinuando que não devia seguir a vida de padre, e, pouco a pouco, com a ascendencia da familiridade jogava-me *biscas* sobre a religião, muito proprias para abalar um rapaz vivo e nada pêco. Eu ia respondendo como podia, mas a medo e ás vezes atrapalhado. O demo do velho tinha a escala toda, e tinha graça o ratão. De volta, á noite, ao chá, e já na cama, eu e meu irmão continuavamos as picantes discussões; mas devo confessar que o meu bom irmão falava-me com escrupulo e prostestava não querer influir no meu espirito. Não era assim o velhote, ardiloso e escarninho.

Veio um dia, afinal, ou antes uma noite, em que entre mim e o coronel a discussão tomou algum fogo. Era talvez o seu golpe decisivo, e eu recebi-o de frente. No calor da polemica o velho permittira-se blasphemar e até insultar a N. S. Jesus Christo. Não me recordo das palavras que lhe dirigi. Empurrei o taboleiro das *damas* e desci as longas escadarias protestando nunca mais voltar ali. Meu irmão que me seguiu pouco depois e o proprio coronel pediam-me que serenasse, que não fôsse etc.! Eu chorei de raiva por não ter podido esbofetear o velho e corrupto coronel. Bem me recordo da afflicção e receio em que meu irmão estava. Quando veio ter comigo quiz fazer-me vêr que eu exorbitara, que o tinha collocado em situação difficil. A minha unica resposta foi preparar a mala para saír no dia seguinle de Mormugão.

Era já tarde quando nos fômos deitar. De repente, ouvimos gritos affiictivos pedindo soccorro. O coronel vivia comnosco a meias paredes. Era decerto elle. Pulei da cama emquanto o meu irmão abria uma porta interior que dava communicação para o palacio. Corri pela escuridão da noite e cheguei antes do meu irmão, que entrava pouco depois com uma palmatoria. A' borda do leito, corcovado, pallido, tremulo e escorrendo em suor deparei com o velho que afflicto gemia: ai! Jesus!... ai! Jesus!...

«Que é isto coronel? que tem, que aconteceu? — estamos aqui, não se afflija. O pobre homem apenas me viu estrebuchou, gemeu, gritou, ia quasi desmaiando. Amparei-o; e ainda hoje não saberia descrever as minhas impressões, nem a attitude d'aquelle vulto sinistro, que uma baça luz illuminava. Meu irmão estava extatico. «Frederico, perdôa-me — disse-me o velho». Abraceio-o banhado em lagrimas. Pouco depois serenava. N'essa noite eu e meu irmão quasi não dormimos.

Que se tinha passado? Que acontecera a esse pobre velho? Não sei. D'ahi por diante tudo mudou. Tratava-me com carinho, não podia passar sem mim. Eu quasi o amava lembrando que fôra amigo de meu pae.

Poucos mezes depois morriam este velho e meu saudoso irmão. O coronel morria no seio da Igreja; meu irmão succumbia em Margão abraçando e beijando a sagrada imagem de Jesus, e pedindo perdão á mulher e a todos que rodeavam o seu leito de morte.

Tanto pódem a graça de Deus e a bondade de Jesus!

F. A.

SECÇÃO DOUTRINAL

Uma excellente devoção em favor das almas do Purgatorio

CREIO que não haverá devoção mais genuinamente portugueza nem mais profundamente radicada no cora-

ção de nosso povo, do que a devoção ás bemditas almas do Purgatorio.

Esta devoção traduz-se entre nós por mil variados modos, e, sob uma ou outra fórma, tornou-se caracteristico essencial de nossos costumes religiosos. A denominação de *missa das almas*, dada entre nós á missa que se celebra ao romper da alva; as *alminhas* que em algumas de nossas provincias orlam as vias publicas, a implorar dos fieis o obulo da sua piedade em suffragio dos defuntos; a caridosa romagem que, n'outras partes, é uso fazer-se durante a quaresma de porta em porta e de aldeia em aldeia, lembrando aos crentes que

A' porta das almas santas
bate Deus a toda a hora,

e recolhendo os donativos com que todos se julgam obrigados a concorrer para suffragar, por meio da celebração de missas, as almas do Purgatorio; o melancholico toque do sino, com que, ao caír da noite, se advertem os fieis da piedosa obrigação que lhes incumbe, de acudirem a refrigerar, com o orvalho celeste da prece, os ardores do fogo em que são torturadas as bemditas almas; o uso, porventura ainda mais poetico e mais tocante, de, ao anoitecer, na quaresma, *encommendar as almas*, implorando em favor d'ellas a caridade dos vivos, e bradando a estes, para conjural-os em nome de sua propria utilidade:

A'lerta, álerta!
Que a vida é breve e a morte é certa!

estes e muitos outros piedosos costumes, tradicionaes entre o nosso povo, evidenciam que é a devoção ás almas do Purgatorio a mais popular e fundamente radicada entre nós.

Por isso não admira tambem que sejam innumeraveis as fórmas, excogitadas pela caridade piedosa dos fieis, para suffragarem as almas dos defuntos. Esta multiplicidade, porém, não ha de obstar a que seja acolhida com simpathia uma nova fórma de suffragio em favor das almas. E' muito simples, pois se limita ao seguinte: Fazer *todos os dias uma pequena visita ao Purgatorio em companhia do Sagrado Coração de Jesus.*

Teve origem n'uma piedosa pratica, aconselhada pela B. Margarida Maria ás suas noviças. Dizia-lhes ella: *Todos os dias dareis um curto giro pelo Purgatorio, em companhia do Sagrado Coração, consagrando-lhe tudo o que houverdes feito, a fim de pedir-lhe que applique os seus meritos ás almas que soffrem. A ellas pedireis, ao mesmo tempo, que empreguem todo seu poder para obter-nos a graça de vivermos e morrermos no amor e fidelidade ao Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Christo, correspondendo sem resistencia aos seus designios sobre nós.*

«*E se poderdes pôr em liberdade a alguma d'estas pobres prisioneiras, sereis felizes por haver no céo uma intercessora que advogará a causa de vossa salvação*».

Esta recommendação suggeriu ao R. Padre Victor Jouët o exercicio da *Semana Santificada* em favor das almas do Purgatorio. Em cada dia da semana se faz uma oração especial pelos defuntos, acompanhada de piedosas considerações praticas, tendentes a fazer-nos conceber um santo temor de caírmos n'aquelle fogo vingador. Faz-se intenção de pedir em modo especial por uma alma determinada em particular, recitam-se algumas piedosas jaculatorias, e praticam-se outras obras piedosas, de facil cumprimento. E á custa de tão pouco trabalho tem se um inapreciavel thesoiro de indulgencias para suffragar as almas do Purgatorio.

Esta pratica tem a benção e especial approvação da Santa Sé, e está enriquecida com as seguintes indulgencias: 300 dias em cada um dos dias da *Semana santificada*, e indulgencia em um dos mesmos dias, ou em qualquer dos oito dias seguintes.

O R. P. Victor Jouët publicou um pequeno opusculo com a explicação detalhada e pormenorisada d'esta obra e com as praticas e exercicios de que ella consta. O opusculo conta já 91 edições! (1)

Eia, pois! Corramos pressurosos em auxilio das pobres almas que penam no Purgatorio. Não haja remissos, não haja descuidados! Exige-o a caridade christã, exige-o, porventura, a propria lei da justiça, e exige-o a nossa mesma utilidade particular, e o maior bem de nossa alma.

---

(1) Deve pedir-se ao auctor *Lungo Tevere Prati, 12 — Roma (Italia)*. Custará, quando muito, 50 rs. — Tambem nos promptificamos a fornecel-os a quem nol-os pedir.

As indulgencias da Terra Santa

Resposta da Sagrada Congregação da Propaganda. — 1.º Em virtude da Bulla de Pio IV, *Divina disponente clementia* (17 de julho de 1561) as indulgencias por ella concedidas á Terra Santa vigoram mesmo DURANTE O PRESENTE ANNO JUBILAR.

2.º Em virtude de auctorisação Apostolica, especial e expressa, as faculdades concedidas aos confessores pela S. Penitenciaria são conservadas em pleno vigor durante este anno, *para bem de* TODOS OS PEREGRINOS DOS LOGARES SANTOS.

Dada em nosso Convento de S. Salvador, em Jerusalem, a 10 de abril de 1900.

FR. FREDIANO GIANNINI,
Custodio da Terra Santa.

Acção franciscana

O veneravel João de Triora.—Este glorioso martyr franciscano foi beatificado a 27 de maio ultimo.

Diz Leão XIII no decreto da sua beatificação:

«Nas fileiras invenciveis do exercito de martyres que deram a Jesus Christo o testimunho do seu sangue, durante a violenta perseguição movida na China no principio d'este seculo, a familia franciscana, que tão bem merece da religião e da verdade, tem a insigne honra de contar o bemaventurado João Lantrua, de Triora, na Liguria.

«Admittido aos 17 annos entre os frades menores da provincia romana, percorreu com piedade a carreira dos seus estudos, e entregou-se todo ao ministerio apostolico.

«A sua prudencia levou os superiores a confiarem-lhe o governo do convento de Velletri. Exercendo ainda este cargo, sentiu um ardente desejo de se dedicar ás missões estrangeiras, e obteve licença de partir para a China em 1798.

«De Roma foi para Lisboa, onde se demorou um anno, findo o qual embarcou para Macau. D'aqui passou logo á China, penetrou na provincia do Hou-nan, que percorreu sem recear fadigas, nem temer perigos, animando e consolando os christãos.

«Estavam então em vigor os mais rigorosos editos contra o christianismo. O padre João foi denunciado, prezo e arrastado aos tribunaes. Interrogado pelo juiz de Lui-jan-sien, o intrepido missionario, deu respostas que lembram a linguagem admiravel dos martyres primitivos. Arrastado em seguida a Hen-cheou-fou, e d'ahi ao tribunal da capital Chary-sa, passou mais de seis mezes em um duro captiveiro, carregado de cadeias.

«Não conseguindo os juizes abalar a sua constancia, foi condemnado a ser estrangulado. A 7 de fevereiro de 1816, foi amarrado á fatal machina, e sua alma voou para o céo».

O corpo d'este corajoso martyr repousa no convento de Ara-Cœli, em Roma. Conservam-se tambem no Collegio de Santo Antonio importantes reliquias; entre outras: o instrumento do seu supplicio, a cruz que elle recusou calcar aos pés, e o grande véo de sêda, em que os christãos o amortalharam, depois do seu tão glorioso combate. N'esta mortalha vêem-se ainda impressos distinctamente os traços da cabeça e das mãos do martyr franciscano. Publicar-se-á brevemente, em italiano e francez, uma vida d'este bemaventurado.

A obra da caridade seraphica. — O padre Cypriano, capuchinho da Baviera, fundou em Allemanha, de accôrdo com Korum um instituto para educação das crianças abandonadas, chamado *a obra da caridade seraphica*. Por causa dos casamentos mixtos, entre protestantes e catholicos, a Igreja catholica vê-se, de dia a dia, cada vez mais desamparada. Sessenta e tres dos meninos que frequentam a escola do bairro mais socialista de Berlim, não receberam ainda o baptismo. Em um bairro de Magdeburgo, de 4804 mais de 1400 não são christãos. Em Hamburgo, de 1678, 539 tem a mesma sorte. A obra do padre Cypriano é destinada a lutar contra esta negligencia na educação dos meninos.

Esta obra, começada apenas em junho de 1889, conta já 351 casas, onde são recolhidos e educados christãmente cêrca de 18:000 meninos. Tem a approvação de dois cardeaes, de quinze bispos e do superior geral da ordem.

Finalmente, a 20 de setembro de 1892, o Santo Padre dignou-se fazer o elogio da obra e abençoál-a; ao mesmo tempo o principe e a princeza da Baviera tomavam-na sob a sua protecção. O «Amigo seraphico dos meninos» revista publicada em duas edições, e destinada a sustentar e propagar a obra, é dirigida pelos capuchinhos de Burghausen. Tem já 50:000 assignantes na Baviera, e 80:000 na Prussia. O instituto recebe por anno a média de 100:000 marcos (22:500$000 rs.). A' esmola juntam os meninos as suas preces: um *Padre Nosso* e uma oração especial quotidiana por todos os associados. Esta pia instituição está espalhada por toda a Baviera, pela Prussia, pela Suissa, e, até pela America do Norte, entre as populações allemãs emigradas para este paiz.

Estatistica da ordem dos frades menores Capuchinhos. — Segundo a estatistica feita em janeiro do presente anno, ha na Ordem nove mil trezentos e vinte seis religiosos, distribuidos por 669 conventos ou hospicios, formando 56 provincias. Estão sob a obediencia e direcção dos capuchinhos 3:781 fraternidades da Ordem Terceira, com setecentos e cincoenta mil e cincoenta membros sem contar 10:000 membros alistados nas missões.

Em França téem elles cinco provincias: de Lyão, Paris, Tolosa, Saboia e de Corsega, comprehendendo 57 conventos, 925 religiosos, 5 escolas seraphicas com 163 alumnos, e 1:642 fraternidades da Ordem Terceira com 79:044 membros.

Franciscanas do Coração de Jesus. — Lêmos no «Mensageiro» do Brazil: «Na sua humildade, bem compativel com o nome que tomaram, existe na Capital-Federal, uma communidade religiosa do sexo feminino, que, posto não seja ainda bem conhecida em outras partes, está florescendo e fazendo o bem, de um modo digno de ser relatado e propalado, para boa edificação dos fieis e gloria de Deus. Vae para mais de 8 annos que se estabeleceram no asylo da velhice desampara-

da, na Ponta do Cajú, onde as conhecemos trabalhando com dedicação e sacrificio, tendo perdido a sua primeira superiora, victima de febre amarella. Esta congregação tem a casa matriz em Alaias, e hoje conta diversas irmãs brazileiras, com noviciado no Rio de Janeiro.

«Além do Asylo S. Luiz na Ponta do Cajú, dirige um orfanato e escola, onde bom numero de crianças recebe educação e abrigo sob a protecção de N. Senhora, do Sagrado Coração de Jesus e de Santo Antonio. Conta apenas dois annos de existencia».

Os franciscanos em Petropolis (Brazil). — O presidente do Estado do Rio de Janeiro enviou o seguinte officio aos padres franciscanos, agradecendo-lhes o importante concurso que, mediante a escola de S. José, dirigida por elles, prestaram ás festas realisadas em honra do general Rocca o anno passado:

«Gabinete do presidente do Estado do Rio de Janeiro — Petropolis, 18 de agosto de 1899.

«Exc.mo e Rev.mo Snr.—Pela valiosa cooperação da Escola de S. José, ás festas organisadas para receber o exc.mo snr. general Rocca n'esta capital, apresento os meus agradecimentos, pedindo a V. Exc.a Rev.ma que tenha a bondade de transmittil-os a todos os Rev.mos professores e alumnos d'essa escola, com as expressões de toda a minha consideração. — ALBERTO TORRES».

A escola de S. José conta perto de 400 alumnos.

Escusado será notar agora o que já ha tempo aqui escrevemos: que fr. Cyriaco e fr. Nicolau, do convento de Petropolis, fôram agraciados por Guilherme II com as ordens: aquelle da *Cruz Vermelha*, e este da *Corôa da Prussia*.

Estatistica das missões franciscanas na China. — Essencialmente apostolica, a Ordem franciscana não se tem desviado d'esse apostolado que Jesus Christo, por meio de Santa Clara e do veneravel fr. Silvestre, se dignou revelar a S. Francisco ser a sua principal vocação e de seus filhos. Esta Ordem conta missionarios e martyres em todos os climas e em todas as plagas. Os suores e o sangue dos seus apostolos, são abençoados por Deus e verdadeiramente fecundos, como o prova a estatistica das missões franciscanas no Extremo-Oriente, que os nossos leitores lerão com interesse:

Por nove vicariatos confiados ao seu zêlo, estão espalhados 239 missionarios e padres indigenas (os padres indigenas são todos membros da Ordem Terceira). Debaixo da sua direcção contam-se 109:000 catholicos e 13:000 catechumenos. A media das conversões em cada anno é de 10:000.

De agosto de 1898 a agosto de 1899 conferiram o baptismo a 51:102 crianças. Educam 16:475 meninos em 35 orfanatos, 318 escolas e 32 officinas. D'estes meninos, uns vivem com sua familia, outros com os missionarios, que se vêem obrigados a sustental-os com as esmolas dadas pelos catholicos ou enviadas da Europa, pois que, ao abraçarem o christianismo, são expulsos de casa por suas familias ainda pagans.

Devemos ajuntar, que os nossos missionarios são coadjuvados no seu consolador mas penoso ministerio, pelas franciscanas missionarias de Maria, por numerosas pessoas baptisadas ha mais tempo, e por donzellas chinezas que servem nos orfanatos. Estas jovens pertencem todas á Ordem Terceira; só no Chang-ton septentrional são 52; algumas vivem com suas familias.

A Ordem Terceira de Louvain. — O melhor meio de propagar a Ordem Terceira, repetem todos os congressos, é attrahir a ella os padres e os seminaristas, que serão os seus apostolos junto das almas que lhes são ou serão confiadas. E' com este nobre pensamento que os franciscanos belgas acabam de fundar uma fraternidade no seio da universidade de Louvain, a pedido do reitor, o eminente Mercier.

Por esta occasião o conego Nys, director da fraternidade, dirigiu ao provincial dos frades menores da Belgica a seguinte carta:

Universidade de Louvain. 19 de dezembro de 1899.

«Reverendo Padre

«Em nome de Mercier, dos nossos seminaristas e em meu nome, venho agradecer-lhe o grande favor que acaba de nos fazer, dando-nos a faculdade de erigir uma fraternidade da Ordem Terceira no Seminario Leão XIII, e concedendo me as attribuições de director. Determinamos proceder hoje mesmo ás cerimonias da erecção canonica e da tomada do habito.

«Já filhos de S. Francisco, os nossos seminaristas tomarão a peito, estou intimamente convencido d'isto, e farão por mostrar-se dignos d'esta honra, e praticar, melhor que nunca, as virtudes de que este grande santo nos deixou tão bellos exemplos. Quanto a mim, Reverendo Padre, farei todos os esforços, com a graça de Deus, por animal-os e manter o seu zêlo n'esta via. Procurarei fazer observar fielmente a regra, e espero que a nossa pequena fraternidade saberá distinguir-se por sua fidelidade e seu fervor.

«Receba, Reverendo Padre, a expressão, etc.

(a) D. NYS, *director*».

Circulos de estudos sociaes. — Um dos meios mais efficazes para agrupar os jovens de boa vontade, para os iniciar pouco e pouco no espirito da Ordem Terceira e preparal-os para as lutas do futuro, é formar *circulos de estudos*.

Este bello pensamento foi já posto em pratica por muitas fraternidades da França, e a *Révue* publicava ha ponco um estudo sobre *o pequeno commercio*, de um joven Terceiro de vinte annos, membro da *Sociedade Leão XIII*, de Roubaix. Este movimento começa a reproduzir-se tambem na Italia, devido ao impulso e esforços dos religiosos da primeira Ordem. Assim o padre Antonio de Trobaso, provincial dos frades menores de Milão, tomou a iniciativa de criar, n'esta cidade, um circulo de jovens.

O Cardeal Ferrari, Arcebispo de Milão, dirigiu aos organisadores estas palavras animadoras:

«O pensamento de formar um circulo de es-

tudos sociaes na cidade de Milão, onde occupam a primeira plana a vida industrial e economica, com a meta de *christianisar, o movimento social moderno, é digno de todo elogio.*

«O novo circulo, seguindo os immortaes principios proclamados pelo magisterio infallivel da Igreja e de seu illustre Chefe, contribuirá de uma maneira particularmente vantajosa para diffundir, mais e mais, no seio do povo, os sabios ensinamentos da immortal encyclica *Rerum Novarum*, a «Grande Carta», promulgada por Leão XIII para a restauração social. Trabalhando, por sua parte, em promover o estudo da sciencia sob a direcção da fé, o circulo terá a vantagem de envidar os mais nobres esforços, para fazer voltar a sociedade ao caminho tão esquecido da verdade e da justiça.

«Applaudo com toda a minha alma o novo circulo de estudos sociaes; approvo sem reserva os seus estatutos; abençôo este novo batalhão de sabios catholicos tão distinctos, e desejo aos seus trabalhos a fecundidade que merece uma iniciativa tão previdente».

Palavras notaveis do Cardeal Ferrata. — Ha pouco fez uma conferencia sobre a «Igreja no seculo dezenove». Das recordações da sua estada em Paris como Nuncio, citou a seguinte:

«A superiora geral das franciscanas missionarias de Maria, uma congregação religiosa que ainda não tem vinte e cinco annos de existencia, contou um dia ás suas religiosas, que no Japão havia uma colonia de leprosos, faltos de todos os soccorros espirituaes e temporaes. Ella unicamente relatava o facto; não lhes dirigia um convite directo. Todavia, offereceram-se immediatamente OITOCENTAS RELIGIOSAS para esta missão, todas prestes a expatriar-se e a dar a sua vida pelos leprosos. Eram necessarias apenas dez, que ainda hoje se mantéem no seu posto de dedicação».

Missão de Radjpoutana. — Um missionario capuchinho de Lahore, escreve de Thandla os seguintes pormenores sobre a fome:

9 de março.

«Desci aos Bhuls... Nunca, em minha vida, assisti a scenas de miseria, similhantes ás de que sou testemunha n'este logar .. Ultrapassam em horror tudo que se póde imaginar .. Em Ajmere, vi centenas de esfomeados, diante da porta dos vendedores de trigo, juntando cuidadosamente os grãos disseminados pela areia. Disputavam furiosos uns aos outros esses poucos grãos. Depois de terem procurado durante horas inteiras, não acha cada um, com certeza, mais de vinte pobres grãos pequenos de trigo ou de centeio. Perto de Neemuch, vi milhares de esfomeados, verdadeiros esqueletos ambulantes, não tendo absolutamente nada mais que a pelle collada aos ossos. Nus e magros no ultimo grau, estavam quasi todos cobertos de bexigas.

«Em uma estação intermediaria, onde o carro parava, tive ainda tempo de baptisar alguns meninos agonisantes, um dos quaes morreu tres minutos depois do baptismo. Agora mesmo acaba de chegar aqui uma mulher ainda joven que mal se póde arrastar. Vinha tão fraca que já desmaiou. O missionario que me acompanha, foi á pressa buscar algum alimento que lhe offereceu em uma colher, mas... era já tarde, a desgraçada nem tinha fôrça para engulir».

13 de março.

«A fome continúa os seus estragos e multiplica as suas victimas E' para mim um afflictivo e doloroso espectaculo, vêr homens e mulheres rojando-se a custo e morrendo de fome. O que sobretudo nos sensibiliza, é a vista de pobres criancinhas ainda de mama, tendo já, no rosto pallido e macillento, o estigma do soffrimento e das privações. Suas mães, seccas de todo, não podem amamental-os... As miserias inenarraveis que tenho incessantemente diante dos meus olhos, começam a produzir em mim os seus effeitos. Ha quatro dias, a minha comida é unicamente um pouco de arroz... Agora mesmo acabo eu de presenciar uma scena horrorosa: vi, com os meus proprios olhos, mais de cincoenta cadaveres humanos, privados uns de um braço, outros de uma perna... todos horrivelmente mutilados por hienas e chacais esfaimados. Os nossos padres tem tido a consolação de baptisar milhares de crianças».

E ao mesmo tempo a Inglaterra, a cujo dominio estão sujeitos aquelles desgraçados, gasta diariamente na Africa do Sul milhões sobre milhões na empresa, tão altamente *humanitaria...*, de esmagar um pequeno povo de bravos, que não téem outro crime senão o quererem ser livres e viver felizes á custa do seu trabalho honrado!

Mas assim é que é ser uma nação *civilisada..*

A Ordem Terceira na China. — No immenso imperio, que de «celeste» só tem o nome, são bastante numerosos os Terceiros. De 400 milhões de chinezes sómente 600:000 são baptisados, conhecem e oram ao nosso bom Deus. Segundo as notas fornecidas por diversos missionarios, S. Francisco é muito conhecido e amado n'este desgraçado paiz que jaz nas sombras da morte.

Graças ao zêlo dos nossos padres, das irmãs franciscanas e tambem dos padres das Missões Estrangeiras de Paris, terceiros franciscanos na maxima parte, a Ordem Terceira está espalhada quasi por toda a China. E já que falamos nos ardentes missionarios da rua do Bac, permitta-se-nos uma simples referencia a um dos seus ultimos martyres na China, tambem terceiro: o veneravel Scheffer, martyrisado em 1851, na idade de trinta annos. Todos pódem venerar, na sala dos martyres, da rua do Bac, o escapulario cinzento d'este veneravel terceiro, tinto no seu proprio sangue.

E' difficil calcular o numero de terceiros disseminados por todo imperio. Nos nove vicariatos franciscanos, onde são naturalmente mais numerosos, ha approximadamente a média de 100 por 2:000 christãos. No Hou-pé meridional, por exemplo, contam-se perto de 250 por 4:500 christãos. Além d'isto, cada vicariato tem a média de 10 padres indigenas que recitam o breviario franciscano, 20 jovens chinezas e 50 cathequistas; ora, estes padres, estas donzellas e os melhores cathequistas, estão alistados na Ordem Terceira e são seus apostolos.

Este apostolado é penoso e lento em produzir os seus effeitos, pois que é mistér luctar con-

tra obstaculos bem difficeis de vencer. O espirito da Ordem Terceira é um espirito de desprendimento, de desinteresse, de abandono de si mesmo e de zêlo apostolico. Mal se póde aliar com a paixão do chinez pelo ouro, paixão que constitue o fundo do seu caracter. Elle é n'isto peór que o judeu, pois não estima nem procura senão os bens perecedoiros e caducos. Mal se póde tambem aliar, este espirito, com o seu egoismo e com a sua apathia incuravel. Não póde negar-se, pois, que os chinezes que téem a coragem de abraçar a Ordem Terceira, devem formar um nucleo de christãos mais fervorosos que os outros. Alguns d'elles são até admiraveis por suas virtudes, pelas praticas da religião e por suas penitencias. Animam-se mutuamente á pratica do bem, e excitam os demais a seguir as suas pisadas

Entre os cathequistas sobretudo, este zêlo, torna-se por vezes verdadeiramente apostolico junto de seus infelizes irmãos, e fal-os praticar verdadeiros prodigios, para fazer conhecido o verdadeiro Deus e o «Ou Sang Franzisco» *Francisco das Cinco Chagas*, como elles lhe chamam.

Assim ganha terreno, pouco e pouco, o espirito da Ordem Terceira, e, á medida que elle avança, desapparecem os dois defeitos que apontamos: apêgo ardente aos interesses materiaes, egoismo e apathia mortal.

Que Deus e o seraphico patriarcha S. Francisco abençôem os esforços tentados pela Ordem Terceira n'este pobre paiz. Fazemos votos e pedimos que os terceiros chinezes, que tem sempre vivido isolados até hoje, se unam, o mais cedo possivel, em fraternidades, em que o espirito de S. Francisco, todo de desprendimento e de zêlo, faça de cada um dos nossos irmãos do Extremo-Oriente, outros tantos apostolos de Jesus Christo.

Santo Protector para o mez de agosto

O B. João de Alverne, C. da 1ª O. *(9 de Agosto)*. — Começou aos 7 annos a macerar-se com austerissimas penitencias. Aos treze entrou na Ordem Franciscana, onde continuou suas austeridades, que chegaram a ser tão extraordinarias, que o proprio S. Francisco, apparecendo-lhe, o obrigou a moderál-as. Era um fervoroso Apostolo. N. Senhor concedera-lhe a graça de lêr no recondito dos corações; dom de que elle se servia para indicar aos peccadores os peccados que deixavam por confessar. Depois de evangelisar uma grande parte da Italia, veio a falecer no Convento do Monte Alverne a 10 de agosto de 1332.

Virtude a imitar

A diligencia e cuidado em fazer com perfeição todas as coisas. — De Nosso Divino Salvador nos diz o Evangelho que «fez bem todas as coisas, — *bene omnia fecit*». E' esta a mais completa e mais segura norma de perfeição christã. E' puro engano julgar que a santidade consiste precisamente em fazer coisas grandes e extraordinarias; consiste, sim, em fazer com perfeição as coisas a que estamos obrigados. Quem preterisse as suas obrigações, ou as desempenhasse com imperfeição e desleixo, não chegaria nunca a attingir o ideal da perfeição, por maiores e mais extraordinarios que fôssem os actos de virtude que praticasse; pois que estes mesmos deixariam de ser actos de virtude se fôssem em detrimento dos proprios deveres.

Seja, pois, a nossa aspiração constante, não o fazer grandes coisas, mas o fazer com perfeição o que fizermos. E já isto será uma coisa bem grande e extraordinaria...

Absolvição geral

No dia 12 — Festa de Santa Clara, Virgem e Primogenita da 2.ª Ordem.

15 — Assumpção de Nossa Senhora.

25 — *(só para os Terceiros)* S. Luiz Rei de França, Patrono especial dos Terceiros seculares.

Indulgencias a lucrar

Indulgencia da Porciuncula. — E' ella premio do ardente zêlo que abrasava o coração de Nosso Padre S. Francisco pelas almas remidas com o sangue do Filho de Deus Humanado.

«Francisco, lhe diz o proprio Jesus Christo, conheço o zêlo com que procuras a salvação das almas; em recompensa d'essa tão ardente caridade, pede o que para ellas desejas, que eu t'o concederei generosamente». Francisco reconhece-se incapaz de pedir por si mesmo a graça que julgasse melhor para os christãos seus irmãos, olha para Maria com ar supplicante e como já illustrado por tal Mãe, disse humildemente: «Senhor, não attendaes á minha vileza e aos meus peccados; concedei-me que todos os fieis contrictos e confessados que visitarem esta capella, saiam d'ella perdoados de seus peccados e penas que por elles mereceram».

«Muito é o que pedes, respondeu Jesus, mas ainda assim accedo gostoso a teus rogos; vae a meu Vigario para que te confirme esta minha graça».

Consiste pois este grande jubileu da Porciuncula, *no perdão absoluto de todos os peccados, e remissão de todas as penas merecidas por esses peccados já perdoados.*

Póde lucrar-se desde as 2 horas da tarde do dia 1 de agosto até ao pôr do sol do dia 2, nas igrejas seguintes:

1) Em todas as da 1.ª Ordem de S. Francisco; 2) em todas as da 2.ª Ordem (freiras clarissas); 3) nas da 3.ª Ordem *regular* (ou com votos solemnes); 4) nas das Religiosas da 3.ª Ordem com votos simples, não só para as mesmas Religiosas, mas *para todos os fieis* (Padre Monsano, *Collect. Indulg.* n.º 1340 e seg.); 5) nas da 3.ª Ordem *secular* que sejam propriedade da mesma Ordem; n'este caso, porém deverá sollicitar-se da Santa Sé a opportuna auctorisação, apresentando

préviamente documentos comprovativos de que, effectivamente, a respectiva fraternidade está em legitima pósse da igreja ; 6) finalmente em outros templos que tenham alcançado da Santa Sé um rescripto de concessão particular, concessão ordinariamente temporaria e reduzida.

Pódem lucrar esta singularissima indulgencia *todos os fieis*, nas condições seguintes : devem confessar-se e commungar, visitando depois alguma das igrejas a que, por direito ou previlegio, foi concedida a indulgencia, e ahi devem rezar alguma oração, segundo as intenções do Soberano Pontifice.

A confissão, para ganhar a indulgencia, deve fazer-se desde o dia 30 de julho ; mas as pessoas que téem o louvavel costume de se confessar todas as semanas, não precisam repetir a confissão. A communhão feita no dia 1 de agosto é sufficiente para os dois dias ; como tambem se pódem fazer as visitas no dia 1 e commungar só no dia 2.

Entre uma visita e outra não é preciso interpôr grande espaço de tempo : basta saír e entrar logo. Não está prescripta uma oração certa e determinada ; basta, por exemplo, um *Padre Nosso*, ainda que seja para louvar o uso de algumas pessoas que rezam uma estação a cada visita. Advirta-se, no entanto, que a cada uma das visitas deve repetir-se a oração, nem vale rezar de uma vez por todas as visitas.

Os Terceiros seculares que moram em logares onde não haja igreja, que tenha, ou por direito ou por privilegio, a concessão do *jubileu*, pódem ganhal-o na propria igreja parochial.

Esta indulgencia no anno corrente de 1900, é APPLICAVEL SOMENTE PELOS DEFUNCTOS. *Assim o preceituam as disposições da Santa Sé, relativas a todas as Indulgencias para os annos de Jubileu, como é o corrente.*

*

N'este mez pódem ganhar-se mais as seguintes :

Plenarias :

1 — No dia 12, Santa Clara virgem, Primogenita da 2.ª Ordem.

2 — No dia 19, S. Luiz, Bispo de Tolosa, Padroeiro da juventude seraphica.

3 — No dia 25, S. Luiz, rei de França C. da 3.ª Ordem, Padroeiro dos Terceiros seculares.

Parciaes :

1 — Em cada dia do mez 300 dias de indulgencia.

2 — Nos dias 3, 10, 17, 24, 31, — 100 dias.

3 — Nos dias 4, 5, 11, 12, 18, 19, 25, 26, — 198 annos e outras tantas quarentenas.

4 — Nos dias 4, Nosso P. S. Domingos, 12, Santa Clara, 19 S. Luiz Bispo, 25 S. Luiz, rei, 28 S. Agostinho, e 30, Santa Rosa de Lima, — 256 annos e 50 quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias requer-se a visita d'uma igreja franciscana ou d'outra qualquer ordem mendicante, e que se rezem ahi tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri*.

Além de todas estas indulgencias pódem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes :

Uma plenaria em qualquer dia do mez á sua escolha ; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias : outra plenaria na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca; e, não podendo assim, invocando-o só mentalmente, mais uma nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral : igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso, Ave Maria* e *Gloria Patri* pela liberdade da Igreja ; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Ave Marias*, e seis *Gloria Patri* com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma igreja franciscana, podem lucrar-se, onde não houver taes igrejas, visitando a igreja onde está erecta a respectiva fraternidade ou, na falta d'ella, a igreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que, tanto estas indulgencias como qualquer outra obra meritoria, pódem ser applicadas pelas almas do purgatorio. Aconselha-se pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor das almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO XXXV

Como estando Santa Clara enferma foi miraculosamente transportada, noite de Natal, á igreja de S. Francisco onde assistiu á celebração dos officios divinos.

Esteve uma vez Santa Clara gravemente doente, o que a inhibia de acompanhar suas religiosas na recitação do officio divino na igreja. Ora succedeu que, chegando a noite de Natal, se fôram todas as freiras a cantar matinas, e Santa Clara ficou presa ao leito pela enfermidade, mal contente de não poder juntar sua voz á das religiosas, e ficar assim privada d'aquella consolação espiritual.

Mas não querendo Christo, seu esposo, deixal-a assim desconsolada, fez que fôsse miraculosamente transportada á igreja de S. Francisco, e ahi assistisse a todo o officio de matinas e á missa da meia noite ; e, a demais d'isto, recebesse a sagrada communhão, sendo em seguida reposta no seu leito.

Terminados os officios divinos em S. Damião, fôram as religiosas á presença de Santa Clara e lhe disseram:

«Que divinas consolações sentimos esta santa noite de Natal, nossa querida mãe Clara! Assim prouvesse a Deus ter-vos em nossa companhia!»

— Graças e louvores rendo a N. Senhor Jesus Christo, respondeu Santa Clara — porque a toda a solemnidade d'esta noite, e mais pomposa que a vossa, assisti eu com muita consolação da minha alma. E foi o caso que, por via das preces do meu Padre S. Francisco, e por graça de N. Senhor Jesus Christo, me achei presente na igreja do nosso veneravel Padre, e com os meus ouvidos corporaes e com os do espirito ouvi todo o officio que ahi se celebrou acompanhado a dôce tanger d'orgão; e lá mesmo tomei a sagrada communhão.

SANTO ANTONIO RESUSCITA UMA MULHER QUE MORRÊRA AFOGADA

Por isso, rejubilae por tamanha graça que me foi concedida, e dae graças a N. Senhor Jesus Christo.

CAPITULO XXXVI

Como S. Francisco interpretou uma visão que teve fr. Leão.

Uma vez que S. Francisco estava gravemente enfermo, tendo a assistir-lhe fr. Leão, foi este, quando em oração junto de S. Francisco, arrebatado em extase ás margens d'um grande rio largo e impetuoso. E, attentando em quem o passava, viu que alguns frades curvados sob grandes fardos, entravam no rio, os quaes de chofre eram levados pelo impeto da torrente, afogando-se; d'elles parte ainda adeantavam alguns passos rio a dentro, outros chegavam até ao meio, e havia-os que ganhavam quasi a riba opposta; mas a todos os vencia a fôrça da torrente e o pezo de seus fardos, sob os quaes succumbiam submergindo-se.

E ao pobre de fr. Leão dava-lhe isto pena grande.

Depois começou a desfilar multidão enorme de frades que, alliviados de qualquer peso, esplendentes de pobreza santa, avançaram pelo rio, transpondo-o sem perigo. Como isto viu, tornou a si fr. Leão. E S. Francisco conhecendo que por fr. Leão passára o que quer que fôsse de extraordinario, chamou-o junto de si, e perguntou-lhe o que vira. E assim que fr. Leão lhe narrou ordenadamente a visão que tivera, disse-lhe S. Francisco: «E' uma grande verdade o que viste. O largo e volumoso rio é este mundo, os frades que se afogavam no rio são os que não seguem á risca a vida evangelica, especialmente no que respeita á pobreza evangelica. Aquelles, porém, que sem perigo passavam o rio são os que, nada procurando terreno ou carnal, só possuem a pobreza; que, penitentes no viver e vestir, são bem contentes com seguir a Christo nú na Cruz; e alegres e livres sob o pezo e jogo da obediencia passam com rara facilidade da vida terrestre á eterna».

CAPITULO XXXVII

Como, pelas orações de S. Francisco, se resolveu a seguir a profissão evangelica um nobre e opulento cavalleiro.

S. Francisco, servo de Christo, chegando uma vez sobre tarde a casa d'um gentil homem poderoso e rico, foi d'elle acolhido com seu companheiro como anjo de Deus, com desusada generosidade e cortezia. Pelo que lhe cobrou S. Francisco grande amizade, considerando que como irmão o abraçára e beijára ao transpôr o limiar da casa, e que depois lhe lavara, enxugara e osculara humildemente os pés, aprestando-lhe, á luz d'um bom fogo, meza onde avultavam excellentes manjares que elle proprio radiante d'alegria com dedicação lhe apresentava.

Após a refeição disse-lhes o gentil homem:

«Meu Padre, eu e o que me pertence aqui está á vossa disposição; quando vos fôr necessario habito, manto, ou outra qualquer coisa, comprae, que eu o pagarei; e vêde que bem disposto estou a prover-vos em quaesquer necessidades, porque, graças a Deus, posso fazel-o, pois que abundo em bens temporaes; e por amor de Deus, que m'os dispensou, reparto-os em bem dos seus pobres». Esta generosidade e benevolencia valeu-lhe da parte de S. Francisco tanto amor que este ao partir disse para seu companheiro:

«Realmente aquelle cavalleiro dava um excellente religioso, elle que é tão grato e reconhecido a Deus, tão amoravel e generoso para com o proximo e para com os pobresinhos! a generosidade é de verdade um dos attributos de Deus, que dá o sol e a chuva a justos e peccadores por generosidade, que é irmã da caridade, visto que extingue o odio e conserva o amor.

E porque admiro tão bôas qualidades n'aquelle homem é que o desejo para nosso irmão. Por isso quero eu que tornemos um dia a sua casa, a vêr se Deus lhe toca o coração a querer acompanhar-nos no serviço divino. Entretanto iremos pedindo a Deus que lhe faça nascer n'alma este desejo, e que lhe dê a graça de realisal-o.

Coisa admiravel! D'ali a poucos dias, apóz a oração de S. Francisco, inspirou-lhe Deus o desejo de abraçar a vida religiosa.

«Vamos, irmão — disse, passados dias, S. Francisco para o companheiro — vamos a casa do homem generoso, porque tenho esperança certa em Deus que varão assim magnanimo no temporal, saberá igualmente dar-se a si mesmo pela nossa santa causa».

E fôram.

Ao chegarem cêrca da casa de seu bemfeitor, disse ao companheiro S. Francisco:

«Aguarda-me aqui por momentos, porque quero antes de tudo exorar Deus que nos applane a caminho, que a nobre presa que pensamos roubar ao mundo nol-a dê N. S. Jesus Christo pelos meritos da sua paixão».

E dito isto, se poz d'oração em logar d'onde pudesse ser visto do gentil-homem. Descortinou-o este em devotissima oração ante Christo que lhe apparecera rodeado de extranho clarão; e, passados instantes, viu que S. Francisco era alevantado da terra pela fôrça do arroubamento.

Espectaculo foi este que lhe tocou de tal maneira o coração, que em continenti saiu fóra de seu solar, e, n'um impulso de fervor religioso, correu para S. Francisco, e, lançando-se-lhe aos pés, pediu lhe encarecidamente que o admittisse á sua Ordem para fazer penitencia comsigo.

Então S. Francisco vendo que sua oração fôra ouvida de Deus, e que aquillo que tão de coração desejava, lh'o pedia enternecidamente o seu bemfeitor, levantou-se, e em fervor e alegria d'espirito abraçou-o e osculou-o, dando reconhecido graças a Deus por ter juntado aos seus mais aquelle nobre cavalleiro.

«— Que queres, meu Padre, que eu faça? — perguntava a S. Francisco o gentil homem —; prompto estou a obedecer-te, a dar aos pobres o que possuo, e a seguir em tua companhia a Christo, desembaraçado de todas as coisas temporaes».

E, conforme o conselho de S. Francisco, distribuiu pelos pobres os seus haveres, e entrou na Ordem, vivendo n'ella em grande penitencia e santidade de vida.

Pensamentos

Temer a morte, é fazer á vida uma honra de masiada.

TH JOUFFROY.

Se o homem fôsse o corpo, não haveria outra moral senão a hygiene.

IDEM.

A obediencia é uma penitencia da razão, e por isso um sacrificio mais acceito a Deus, do que todas as demais penitencias corporaes.

S. JOÃO DA CRUZ.

O insensato despreza os conselhos dos amigos; o sabio aproveita mesmo as censuras de seus inimigos.

O foguete estoira
Quando aos ares vae:
Quem mais alto sobe
De mais alto cae.

ANECDOTAS

No correio.

— Tem a bondade de me dizer se ha carta para mim?

— O seu nome?

— Essa é boa! Faça favor de vêr, que lá deve estar no subscripto.

O professor exaspera-se contra um alumno que quasi todos os dias se apresenta na escola de mãos extraordinariamente immundas.

— Pouca vergonha! dizia elle. Apparece-me aqui que parece um carvoeiro.

— O' *Senhô* mestre, retruca-lhe o garoto com a mais despreoccupada semcerimonia: isto não é nada, se vocemecê visse os pés...

Um sujeito acceitára o convite para jantar em casa d'uma senhora, sovina e avarenta.

E' escusado dizer que se levantou da meza com tanta fome como levava quando a ella se assentou. E vae, diz-lhe, com falinhas mellifluas, a somitica velharrona:

— Espero, cavalheiro, que me fará a honra de tornar a jantar commigo.

— Pois não, minha senhora; agora mesmo, se n'isso lhe sou agradavel.

Mas não pegou...

N'um exame de desenho:

— O que é linha?

— E' isto com que minha mãe me cose as calças.

Leituras amenas

O leilão das cruzes

Um certo dia, ou antes, para falar d'algum modo mais accommodado á linguagem dos bemaventurados, uma certa occasião, momento, ponto da eternidade, ou coisa que o valha, que ex-

clùa successão de tempo, mas que eu não conheço, passava lá por cima do nosso firmamento uma pomposissima festa.

Eu nunca fui ao céo, nem penso por ora em fazer tal viagem, a não ser que a morte, que anda avessa commigo ha uns bons vinte e quatro annos, me empurre para a cova e me obrigue a encetál-a,—a viagem, entende-se; nunca lá subi, mas conjecturo o que será o vasto palacio do Pae de Familias, o throno do Santo dos Santos n'um dia de grande gala, pelo espanto que uma tal vista causou ao afortunado S. Paulo, quando lá foi guindado: «nunca olhos humanos viram, nem ouvidos creados escutaram, nem nunca passou pelo coração d'alguem coisa similhante».

Pois se cá por baixo temos as sete maravilhas do mundo, e a actual exposição de Paris, que, segundo dizem, vae ser a oitava, coisas e loisas bonitas, que nos deixam a scismar de bocca aberta, e que parecem ser o apice, o *non plus ultra* da belleza, e ainda assim nos diz S. Paulo que é o céo uma coisa tal como nunca nos passou pela imaginação, o que não será elle visto com toda a realidade, como o viu o afortunado Apostolo das gentes?!...

Nada, que aquillo lá por cima ha de ser *um céo aberto*, ha de...

E o que não será n'um dia de grande festa para os bemaventurados?

De certo que só visto.

Pois no tal ponto da eternidade, que, cá em baixo era o dia 19 de março, celebrava-se no céo o anniversario do grande Patriarcha de Belem, do santo carpinteiro, esposo de Maria, com o esplendor que podemos imaginar. Anjos, Seraphins, Cherubins, Martyres, Confessores, Virgens, todos trajavam do mais rico e do melhor.

No meio de tantas alegrias, apenas S. Pedro se apresentava indifferente e até algum tanto amuado.

E' que elle pelo seu officio não podia deixar o portão do céo, e acontecia-lhe como aos cosinheiros, que, emquanto os convivas folgam e se banquetêam, os malfadados amofinam-se ao redor das panellas.

Era dia de jubilo no céo e de graças e bençãos para a Igreja militante, e os Anjos Custodios estavam sempre chegando da terra com recommendações de seus pupillos para o grande Patriarcha.

A campainha do immenso portão d'ouro, que abre entrada para a celeste mansão, era um continuo *tlintar*, e o pobre do Pescador da Galileia que trocára os remos pelas chaves da Igreja e do Céo, é que *amargava a bucha*.

Andava n'uma lufa lufa.

Tlin, tlin, tlin.

«Quem é? pergunta S. Pedro com sonoro baritono.

— Gente de casa; responde um afinadissimo tiple.

Deu volta á chave e entrou um anjo, que deu razão de sua presença.

— Sou Custodio d'um carpinteiro que partiu um braço e pede a S. José a graça da cura; e inclinando-se para S. Pedro voou pelos céos fóra.

Meia volta dada e

Tlin, tlin, tlin.

«Quem está lá?

— Gente de casa.

Abriu-se o portão e appareceu outro anjo.

— Sou Custodio d'um carpinteiro, pae de numerosa familia, que está em perigo de ficar viuvo, e implora a cura de sua esposa: e fazendo a venia do ceremonial, abriu as azas.

Mal tinha dado a volta á chave, quando *Tlin.....* um tocar tremulo, a medo.

Temos gente estranha, murmurou S. Pedro.

— Quem toca?

— José de T.... um jornalista a quem a morte prematuramente trouxe para aqui, e supplice rogo a S. José seu patrono, a ..

— Teu patrono?! interrompeu S. Pedro: S. José advogado d'um jornalista d'essa laia?

— Senhor S. Pedro, nunca disse mal de Vós no meu diario, respondeu soluçante e atrapalhado o pobre homem.

— Mas mordeste na minha Igreja.

— Mas, Senhor S. Pedro, S. José póde...

— Sim, sim, espera que já falamos; e não abriu a porta.

Acabado este dialogo,

Tlin, tlin, tlin.

— Quem é?

— Creado do Palacio.

Abriu-se a porta e entrou um anjo a cujas azas vinha agarrado o pobre jornalista a choramigar mil supplicas.

— Fóra, fóra, acudiu S. Pedro ao vêl-o;